



Revista Historiar

ISSN: 2176-3267

Vol. 13 | Nº. 24 | Jan./Jun. de 2021

Antônio José de Oliveira

Universidade Federal do Rio Grande do Norte / UFRN.
Centro de Ensino Superior do Seridó / CERES
Campus Caicó.
antonio.oliveira@ufrn.br

UMA ANÁLISE SOBRE OPULÊNCIA E RIQUEZA NOS SERTÕES DOS CARIRIS NOVOS NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX.

RESUMO

Este artigo traz algumas discussões sobre o processo de construção da riqueza e opulência de uma pequena elite nos sertões dos Cariris Novos, na primeira metade do século XIX. Através das informações dos inventários *post mortem*, objetiva abordar três elementos que proporcionaram o enriquecimento desses poucos indivíduos: a pecuária, a cultura canavieira e os escravos. Esse tripé resultou na formação de uma sociedade bastante peculiar dentre as demais dos sertões adjacentes.

Palavras-chave: Cariri. Sertões. Riquezas. Cultura material.

AN ANALYSIS ON OPULENCE AND WEALTH IN SERTÕES OF CARIRIS NOVOS IN THE FIRST HALF OF THE 19TH CENTURY.

ABSTRACT

This article brings some discussions about the process of building wealth and opulence of a small elite in the Sertões of Cariris Novos, in the first half of the 19th century. Through the information from the post mortem inventories, it aims to approach three elements that provided the enrichment of these few individuals: cattle raising, sugarcane culture and slaves. This tripod resulted in the formation of a society quite peculiar among the others in the adjacent sertões.

Keywords: Cariri. Sertões. Wealth. Material Culture.

Introdução¹

Recentemente, publiquei dois artigos em duas coletâneas² discutindo aspectos da formação social do sertão dos Cariris Novos. O primeiro, intitulado “Processo de formação social dos Cariris Novos no século XVIII”, e o segundo, “Ocupação e conquista dos altos sertões da capitania do Ceará: os Cariris Novos”.

Este é mais um que discute tais sertões, um momento propício, por assim dizer, em que procuro melhorar alguns aspectos acerca do processo de enriquecimento de uma pequena elite colonial examinada na minha dissertação de mestrado defendida em 2003, no programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará.

Há muito tempo não tinha a intenção de publicar algo direcionado ao aspecto econômico sobre a região³. Porém, diante do convite deste importante periódico, me veio a oportunidade. Aqui, me proponho a apresentar uma breve análise de um dos capítulos da referida dissertação, que considero relevante para se compreender o processo de formação e consolidação de uma elite opulenta e poderosa que atuou naqueles sertões a partir do início do século XIX.

O manuseio de uma importante fonte - os inventários *post mortem* -, na época considerados de certa forma, inéditos, tendo em vista que quase não havia trabalhos de cunho acadêmico que tratasse desse tipo de material e que se discutisse e se problematizasse a história daqueles sertões, resultou numa produção histórica peculiar e importante relativa às formas de compreender aqueles espaços no período colonial.

No capítulo em apreço (Poder e opulência no Cariri Colonial), identifiquei que a partir das décadas finais do século XVIII e a primeira metade do seguinte se destacaram indivíduos com extremo poder aquisitivo proveniente de vários expedientes, em especial da pecuária, da produção canavieira, dos engenhos de rapadura e da mão de obra escrava.

¹ Artigo baseado no capítulo três da dissertação de mestrado “Engenhos de Rapadura do Cariri: trabalho e cotidiano – 1790-1850”.

² “História Social dos Sertões”. xxxxxxxxxx.; REIS JÚNIOR, Darlan Oliveira; CORTEZ, Ana Sara; SOUSA, Maria Arleilma Ferreira de. (Orgs) Curitiba: CRV, 2018. p. 41-53; “Novas Histórias do Cariri”. SILVA, Amanda Teixeira da. (Org). Curitiba, 2019. p. 13-24.

³ Em 2004, publiquei na coletânea “Estudos regionais: limites e possibilidade”, um artigo sobre a formação econômica e social do Cariri na época colonial, porém, foi de forma muito genérica. Este se concentra mais detalhadamente em aspectos ainda não publicados em periódicos.

Entre pecuária, canaviais, engenhos e escravos: uma riqueza para poucos.

Ao longo da primeira metade do século XVIII, o sul da capitania do Ceará, posteriormente denominada Cariris Novos, foi se constituindo economicamente com a criação de gado *vacum*. Trazida pela expansão territorial por colonos advindos das capitanias de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Sergipe, a pecuária predominou em boa parte das localidades e adjacências (ARAÚJO, 2010; OLIVEIRA, 2018).

Embora tenha sido um elemento primordial na fixação dos primeiros colonos, a pecuária não se projetou como atividade de grande peso econômico. A mais dinâmica e pujante que contribuiu também para a organização social daqueles territórios, deu-se sob a égide da atividade canvieira. Daí em diante se constituiu uma sociedade bastante singular dentre os demais sertões da capitania do Ceará Grande. Sítios, fazendas, posses de terra e partidos de cana pontilharam a localidade, que, coadjuvada com os engenhos de rapadura transformaram a paisagem daquele território. A partir desses elementos, foi se configurando uma nova forma de ver, viver, sentir, compreender e construir aqueles sertões.

A cultura canvieira passou a se projetar com maior ênfase no final do século XVIII. Com capacidade de agregar muito mais mão de obra que a pecuária, a atividade se destacou não apenas pelo valor comercial de seu mais importante produto (a rapadura), mas pelas diversas categorias de trabalhador que a engrenagem da produção canvieira necessitava. Nesse cenário produtivo o engenho era fundamental. Os inventários *post mortem* revelaram as diferenças financeiras dos proprietários/senhores, assinalando, por sua vez, que investimentos mais seguros estavam na sua aquisição.

A construção desse importante instrumento de gerar riquezas permitiu a um pequeno grupo de indivíduos acumular e consolidar recursos financeiros avantajados. A obtenção de terras e o número de escravos se direcionavam cada vez mais para uma economia essencialmente canvieira que, no final do século XVIII, despontava como aquela capaz de alavancar a economia da região no século subsequente. O grau de rentabilidade oriundo da produção canvieira se pode constatar na tabela abaixo.

Tabela 01 - Panorama geral da riqueza patrimonial de alguns proprietários (1790 - 1799).

Ano	Proprietário(a)	Principais bens	Valor
1790	Luiz Pereira Bezerra	750 cabeças de gado e 03 cavalos; 01 enxada; 01 facão.	340\$000 réis
1791	Domingos José da Silva	18 escravos; 01 partido de cana; 01 engenho; 01 aviamento; 08 bois mansos; 01 caldeira de estanho.	1.311\$000réis
1792	Cosma Cordeiro	01 escravo; 01 posse de terra; 01 roda de moer mandioca	88\$560 réis
1798	Cipriano Pacheco Bezerra	01 partido de cana; 01 engenho; 04 bois mansos; 04 escravos; 600 braças de terras; 01 roda de moer mandioca.	984\$034réis
1799	Gonçalo Ferreira	13 cabeças de gado; 01 cavalo.	51\$000 réis

Fonte: Tabela elaborada pelo autor com base nos dados contidos na dissertação “Engenhos de rapadura do Cariri”: trabalho e cotidiano-1790-1850, 2003.

Ao observarmos o valor das propriedades é importante entender que investir na lavoura canavieira e montar engenhos era um bom negócio e que se poderia, em pouco tempo, adquirir lucros mais vultosos. Tomemos como exemplo duas propriedades com perfis produtivos diferentes: a de Luiz Pereira Bezerra e Cipriano Pacheco Bezerra. O valor dos bens do primeiro, com quase mil cabeças de gado e demais bens era inferior ao do segundo, qual seja, um engenho, quatro escravos e outros bens. A supremacia financeira que Cipriano Pacheco Bezerra detinha em relação a Luiz Pereira Bezerra consistia na possibilidade de obter melhores opções de lucro. O engenho oferecia muito mais mecanismos de exploração de mão de obra, apropriação e concentração de renda do que a pecuária. Com tais características, o Cariri colonial foi se constituindo como uma das poucas localidades dos sertões da capitania em que se forjava esse tipo de poder econômico.

Com a expansão da cana no vale nas décadas iniciais do século XIX, o número de aquisição de bens moventes e semoventes supera o dos inventários do final do século XVIII. Nessa perspectiva, ao findar-se a primeira metade do século XIX a agricultura canavieira estava praticamente consolidada. Essa constatação se revela quando os bens são arrolados, em especial terras com plantação de cana e engenhos. É o caso do

inventário do Coronel Leandro Bezerra Monteiro⁴ que deixou para seus herdeiros mais de vinte e cinco escravos, 5 sítios, uma propriedade com engenhos de rapadura e algumas tarefas de cana. O mesmo acontece com o de Francisco Xavier de Souza⁵, no qual foram listados três sítios, uma légua de terra, um aviamento, uma casa de engenho no valor de 1:000\$000 (um conto de réis), algumas tarefas de cana e muitas covas de mandioca.

Localizados nos terrenos mais férteis e irrigáveis, a lavoura canavieira e os engenhos dependiam de certo contingente de trabalhadores livres. Oriundos dos sertões vizinhos tangidos pela seca ou pela usurpação de suas terras, muitos desses desvalidos se submetiam às atividades de capinagem da cana e depois ao corte, para ser beneficiada nos engenhos. Ao comprar esse tipo de força de trabalho por uma ninharia, muitos proprietários enriqueceram e investiram na construção dos próprios engenhos.

Tabela 02 - Números e valores de alguns engenhos – final do século XVIII e primeira metade do século XIX.

Ano	Proprietário	Quant. de engenho e seus principais acessórios: Caldeiras, tachos, carros de boi, etc.	valor
1791	Domingos José da Silva	Um engenho	41\$000 rs
1798	Cipriano Pacheco	Um engenho	8\$000 rs
1805	Joaquim F. de Lima	Um engenho	45\$000 rs
1806	Manoel Gomes de Lima	Um engenho	26\$000 rs
1816	Antonio Paes das Neves	Um engenho	14\$000 rs
1829	Simplício Correia de Oliveira	Um engenho	16\$000 rs
1841	Manoel Tavares Muniz	Casa de engenho	200\$000 rs

Fonte: Tabela elaborada pelo autor com base nos dados contidos na dissertação “Engenhos de rapadura do Cariri”: trabalho e cotidiano -1790-1850. 2003.

O contingente de trabalhadores ou parte dele que buscava trabalhar nos engenhos possibilitou não apenas o enriquecimento dos seus dominadores, mas, também, o estabelecimento de laços de dependência pessoal. Permeada, sobretudo, pelas relações de trabalho, estas pautadas principalmente na prática dos

⁴ CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação de História do Cariri-URCA. Inventário do Brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro, 1835. Quando consultei o inventário, este ainda não estava catalogado, por isso não há referências mais completas.

⁵ APEC: Arquivo Público do Estado do Ceará. Inventário de Francisco Xavier de Souza. Pacote, 17, Processo, 10, 1847

arrendamentos, da meia, das parcerias, dentre outras, forjou vínculos de compadrio muito fortes e marcantes.

Além do domínio desse conjunto de agregados e homens livres, os senhores de engenho mantinham sob sua tutela a mão de obra escrava. Deve-se considerar a questão da escravidão no Cariri como parte do sistema implantado na colônia como um todo. No entanto, é deveras pertinente compreender as particularidades da formação histórica de cada região, e os Cariris Novos, como já mencionado, se mostrou diferente no tocante aos sertões da capitania do Ceará Grande.

Os primeiros cativos introduzidos foram trazidos pela companhia aurífera São José dos Cariris Novos para a extração do ouro que ali se “descobriu” a partir da segunda metade do século XVIII. Desativada por não haver abundância do precioso metal, os escravos se viram realocados para a lavoura canavieira e outras atividades.

Com uma enorme quantidade de escravos e agregados vivendo e produzindo em suas terras, o proprietário/senhor de engenho ostentava respeito e era aceito em todos os níveis da esfera social tendo o escravo como seu mais precioso bem.

Reis Júnior (2004), ao discutir o trabalho e a escravidão no Cariri do século XIX se valendo também dos inventários, destaca a importância da mão de obra escrava para o enriquecimento dos proprietários. Ao exemplificar o inventário de Bento Moreira da Silva, destaca que

[...] tinha em seu inventário apenas dois escravos, “[...] hum escravo de nação cabra de nome Feliz em idade de 60 anos pouco mais ou menos”, avaliado em oitenta mil-réis, e [...] huma escrava mulata de nome Ignacy com idade de 48 anos”, avaliada em cem mil-réis. O senhor Bento Moreira tinha ainda um prato de estanho e doze cabeças de gado, entre vacas, novilhos e garrotes. Havia uma dívida a receber de sessenta mil-réis. Nada mais. Levando-se em consideração o dinheiro que havia a receber proveniente de dívidas no total de seus bens, os seus dois escravos em idade avançada representavam 63,73% da riqueza desse pequeno criador. Dois escravos cuidando de doze cabeças de gado (REIS, 2004, p. 10).

O exemplo é significativo para mensurar a riqueza dos que detinham escravos. Um detalhe a se considerar: pelos bens relacionados, ao que parece, este indivíduo não era produtor de cana, pois, se assim o fosse, suas rendas duplicariam, com certeza.

Com a grande concentração de renda, era possível investir altos valores em escravos. Nos Cariris Novos, estes variavam entre 50, 100 e até 400 mil réis. Um exemplo disso é a escrava de nome Luiza, de propriedade de Izabel Maria de Jezus. Segundo o documento, com a idade de “[...] vinte hum annos foi avaliada em

quatrocentos mil reis”⁶. A próxima tabela demonstra a quantidade e o valor total dos escravos de alguns senhores.

Tabela 03: Número e valor total de escravos de alguns senhores.

Ano	Proprietário	Número de escravos	Valor
1791	Domingos José da Silva	18	1.129\$000 rs
1792	Cosma Cordeiro	01	30\$000 rs
1798	Cipriano Pacheco	04	330\$000 rs
1805	Joaquim F. de Lima	02	225\$000 rs
1806	Manoel Gomes de Lima	06	655\$000 rs
1811	José Alexandre Correia Arnou	01	80\$000 rs
1816	Antonio Paes das Neves	07	805\$000 rs
1829	Francisco José de Andrade	15	1.480\$000 rs
1841	Manoel Tavares Muniz	16	4.140\$000 rs

Fonte: Tabela elaborada pelo autor com base nos dados contidos na dissertação “Engenhos de rapadura do Cariri”: trabalho e cotidiano-1790-1850. 2003

A diferença de investimentos e a obtenção de lucros para quem possuía escravos era gritante em relação àqueles que não os detinham, demonstrando o quão era importante possuí-los. Isso possibilitou aos que podiam adquiri-los desfrutar de uma posição de destaque enquanto patrão, chefe de família, político e, muitas vezes, militar⁷. Deter esse poder tornou-se um dos principais pretextos para o senhor usufruir e, frequentemente, abusar de sua autoridade, bem como proteger moradores e familiares contra rivais.

Não muito diferente da sociedade canavieira litorânea, nos sertões dos Cariris Novos os laços sociais que os fundamentaram foram também “rígidos” e excludentes. Senhores de engenho e escravos, durante bastante tempo, figuraram como atores em um cenário de lamentações, angústias, desespero, opulência, mandonismo e exclusões. Ali, o destino de cada um parecia estar assinalado nas relações estabelecidas e na posição que cada um ocupava na sociedade (OLIVEIRA, 2003).

O status de proprietário/senhor de engenho oferecia vantagens simultâneas, posto que, além de deter os atributos de um fidalgo, obtinha um modo de vida privilegiado quando comparado aos demais grupos sociais. Como avocavam para si o expoente máximo da sociedade, fomentaram e fortaleceram a exploração e a exclusão de milhares de indivíduos.

⁶ APEC. Inventário de Izabel Maria de Jesus. Pacote 16; processo 11, 1841.

⁷ Quando se manuseia os inventários, constata-se que certa porcentagem de proprietários tinha patentes de coronel, brigadeiro, capitão-mor, major, alferes, etc.

As ações de mando desse pequeno grupo de indivíduos sobre seus subalternos foram características marcantes, dando origem à extensão de seus poderes vertical e horizontalmente tanto na zona urbana, quanto na rural. No âmbito rural, era detentor de *status* elevado e riqueza invejável, mantinha quase todos aos seus pés. Na área urbana, sua força era sempre presente, conseguindo manter quase todo o controle das instituições (câmaras municipais), influenciando e manipulando as atividades econômicas e jurídico-políticas comuns nos sertões da Colônia (BICALHO, 1998).

No Cariri, essa minoria poderosa desempenhou e assumiu muitos papéis nas esferas econômica, social e, particularmente, política. Uma dessas participações se concretizou nos movimentos de 1817. Tais acontecimentos dizem respeito aos levantes políticos alavancados pela província de Pernambuco, que atestavam a importância de uma insurreição para a implantação do regime republicano. Nas terras caririenses, os fatos ganharam expressividade ocorrendo disputas entre tradicionais famílias, sobretudo, os Alencar e os Bezerra de Menezes.

Alencar e Bezerra de Menezes, sem dúvida, foram as famílias que mais dominaram o cenário político e econômico da região na primeira metade do século XIX. Proprietários do Sítio Juazeiro e demais terras adjacentes, os Bezerra de Menezes conseguiram, através de suas posses, aglutinar uma considerável quantidade de indivíduos sob seu domínio para que, nos momentos de crise política como a citada, encontrassem neles o apoio necessário. Opor-se aos Alencar, simpatizantes dos ideais republicanos naquele ano, é apenas um exemplo da força que detinham (OLIVEIRA, 2003)

Diante desse contexto, pode-se afirmar que os vinte primeiros anos do século XIX foi para o Cariri uma espécie de preparação para entrar e protagonizar o cenário político, econômico e social nos sertões da capitania, depois, província do Ceará. Aqueles anos foram marcados pelas disputas entre os abastados senhores de engenho pelo domínio do poder político local.

Alicerçados nas tradições familiares e na grande força econômica, os braços mais fortes da política tradicional dos Cariris Novos buscavam preservar a posição social e política para não sofrer abalos em função dos lampejos “inovadores” do novo século que se iniciava.

Uma elite luxuosa e opulenta

Durante os últimos anos do século XVIII e toda a primeira metade do século XIX, a economia canavieira incrementou elementos básicos para a estrutura social, política e principalmente econômica no Cariri. Com o crescimento e concentração dos bens patrimoniais de um pequeno grupo privilegiado, a riqueza se destinava aos filhos, filhas, netos, genros. Os herdeiros dessas fortunas foram reproduzindo novos e velhos poderes.

A riqueza concentrada nas mãos de tão poucos não estava apenas na ostentação de escravos e de grandes propriedades territoriais com engenhos e partidos de cana. No âmbito privado, o poder também era exercido e externado. Os objetos de uso pessoal eram também arrolados com frequência nos inventários. Broches, imagens de santo, botões, cordões, são alguns exemplos. Ainda no século XVIII, registra-se esses objetos. Observemos o inventário de Maria Assunção, esposa de Domingos José da Silva,⁸ quando este listou perante o Juiz de Órfãos a parte que tocava aos herdeiros. No levantamento há consideráveis quantidades de ouro, cobre, ferro dentre outros bens. Só em ouro declarou que tinha

[...] hum broxe com três voltas de cordam fino; Huma Emage da Conseisam com o pezo de três oitavas e meyo graos; Hum par de cadeados lavrados de pernas com o pezo de oitava e meia e seis graos; Hum par de botões lizos com opezo de meya oitava (ilegível) nove graos; Hum Espirito Santo com o pezo de vinte sinco grãos.

A existência de outros itens como garfos, facas, colheres de prata, pratos de louça, indicam as modificações nos hábitos alimentares que passam a ser mais frequentes a partir do início do século XIX. Em 1806, era informado no inventário de Manoel Gomes de Lima duas colheres de prata⁹. Embora ainda raro, é pertinente destacar a importância e grandeza de se ter tais utensílios em plenos sertões da colônia, pois “[...] garfos, então já eram raros no reino e em quase toda Europa, na colônia praticamente não existem. Seu uso só será generalizado no século XIX. Em todas as classes sociais come-se com as mãos, mesmo ao se entrar no século XIX” (ALGRANTI, 1997, p. 122).

O processo de formação e a composição dos bens materiais dessas famílias estampada em seus inventários, demonstra o poder e o requinte de que dispunha a elite. A ostentação das casas de pedra e cal e sua luxuosidade em contraste com as do restante da população, causava um impacto penetrante na mentalidade dos demais

⁸ APEC. Inventário de Domingos José da Silva. Pacote 17. Processo 03, 1791.

⁹ APEC. Inventário de Manoel Gomes de Lima. Pacote 16, processo 04, 1806.

indivíduos daquela sociedade (OLIVEIRA, 2008). Luxo que, segundo Braudel (1970, p.146), "[...] não é só raridade, vaidade, é êxito e fascinação social".

Vestir-se bem era, igualmente, uma das maneiras de ostentar poder e de assemelhar-se à postura do tipo metropolitano. Os senhores de engenho do Cariri e suas senhoras não se isentaram de desfrutar das raras e caras peças vindas do Velho Mundo. Os artigos elencados em seus inventários demonstravam não só requinte e luxo, mas a tendência do momento.

[...] Se o luxo não é um bom meio de sustentar, ou de promover uma economia, é um meio de conservar, de fascinar uma sociedade. Em fim entram em jogo as civilizações, estranhas companhias de bens, de símbolos, de ilusões, esquemas intelectuais [...] (BRAUDEL, 1970, p. 172).

Tania Lima (1995, p. 132), ao estudar a sociedade paulista, destaca que

[...] poderosos instrumentos de ação social, definido e influenciando relações sociais, comunicando simbolicamente identidades, hierarquia e poder, esses objetos e sua respectiva manipulação compunham um código dominado apenas por uns poucos eleitos.

Segundo Oliveira (2008, p. 11),

[...] o poder da aristocracia urbana cratense, através do luxo de seus mobiliários, da imponência de seus sobrados e o gosto pelo sofisticado exerceu comportamentos diferenciadores na sociedade cratense; orientou novos personagens, novos modelos de homens e ideais inovadores de transformações sociais.

Toda aquela acumulação material esteve intimamente ligada ao fluxo econômico que os sertões passaram a vivenciar. A região torna-se palco de mercadores que, percorrendo estradas boiadeiras da capital da província para o interior levavam e traziam mercadorias para comercializar nas vilas sertanejas.

Os efeitos colaterais da concentração de fortunas diversas culminam no crescimento de uma população pobre livre, atraída pelas notícias de que o Cariri era um "Oásis" e tinha "abundância" de terras e de trabalho nas lavouras canavieiras, sítios e engenhos. Segundo Reis Júnior, "[...] Essa massa de trabalhadores era dividida em três grandes grupos – o campesinato, os escravizados e os trabalhadores livres e pobres – [que] se relacionavam e disputavam o espaço [...]" que circundava os engenhos e terras adjacentes.

Referências

ARAÚJO, Padre Antonio Gomes de. **Povoamento do Cariri** (v. 6). Crato: Faculdade de Filosofia do Crato, 1973.

ALGRANT, Leila Mezan. *Famílias e vida doméstica*. In: SOUSA, Laura de Mello e (org.). **História da Vida Privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p.62-120.

BRAUDEL, Fernando. *O supérfluo e o vulgar: alimentações e bebidas*. In: BRAUDEL, Fernando. **Civilização material economia e capitalismo (séc. XV-XVIII)**. Tradução: Maria Antonieta M. Godinho. Rio, São Paulo/Belo Horizonte: Edições Cosmos/Livraria Luso-Espanhola e brasileira, 1970, p. 145-316.

BICALHO, Maria Fernanda. *As Câmaras Municipais no Império Português: o exemplo do Rio de Janeiro*. In: **Revista Brasileira de História**, v. 18, n. 36, p. 251-580, 1998.

CORTEZ, Ana Sara R. P.; CORTEZ, Ana Isabel R. P.; Guilherme IRFFI, Guilherme. *Escravidão e economia no Cariri cearense da segunda metade do século XIX*. In: **XVII Encontro Regional de Economia-ANPEC – Nordeste, Fortaleza, 2012**.

FIGUEIREDO FILHO, José de. **Engenhos de Rapadura do Cariri**. [Fac-símile a edição de 1958]. Fortaleza: Edições UFC/ Edições URCA, 2010.

_____. **História do Cariri**. Vol. I. [Fac-símile a edição de 1964]. Fortaleza: Edições UFC/ Edições URCA, 2010

LIMA, Tania Andrade. *Pratos e mais pratos: louças domésticas, divisões culturais e limites sociais no Rio de Janeiro, século XIX*. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo. v.3, jan./dez., p.129-191, 1995.

OLIVEIRA, Antonio José de. *Casa de engenho, sobrados e mobílias: a formação do poder da aristocracia rural e urbana de Crato – 1790-1890*. **Anais do II Encontro Internacional de História Colonial**. Mneme – Revista de Humanidades. UFRN – Caicó (RN), v. 9, n. 24, Set/Out. p. 38-51, 2008.

_____. **Engenhos de Rapadura do Cariri: trabalho e cotidiano 1790-1850**. Dissertação (Mestrado). Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2003.

_____. **Os Kariri-resistência à ocupação dos sertões dos Cariris Novos no século XVIII**. Tese (Doutorado). Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2017.

OLIVEIRA, Antonio José de; REIS JUNIOR, Darlan Oliveira de; IRFFI, Ana Sara Cortez; SOUZA, Arleilma Maria Ferreira de (orgs.) **História Social dos Sertões**. Curitiba: CRV, 2018.

PINHEIRO, Irineu. **O Cariri**. [fac-símile da edição de 1950]. Fortaleza: Edições UFC/ Coleção Secult/Edições URCA, 2010.

REIS JÚNIOR, Darlan Oliveira de. *A cidade do Crato: trabalho e escravidão no Cariri cearense do século XIX*. **Anais do V Encontro Nordestino de História. V Encontro Estadual de História** – ANPUH. Recife, UFPE, p. 02-15, 2004.

REIS JÚNIOR, Darlan Oliveira de; CAVALCANTE, Hugo Eduardo Damasceno; SILVA, Ivanda Silva da. **Relações de Trabalho no Cariri cearense: escravidão, campesinato e o trabalho livre (1855-1872)**. *In: Anais da XII Semana de História-FECLESC-Quixadá*, 2016.

REIS JÚNIOR, Darlan Oliveira de. *Natureza e trabalho no Cariri Cearense*. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH - São Paulo**, p.1-14, 2011.

SILVA, Amanda Teixeira da (org.). **Novas Histórias do Cariri**. Curitiba: CRV, 2019.

Antônio José de Oliveira

Doutor em História Social - Universidade Federal do Ceará (2017). Tem uma longa atuação na área de História, com ênfase em história regional; história do Brasil colonial, da América Pré-colombiana e colonial, bem como indígena e africana. Foi professor substituto da Universidade Regional do Cariri e da Universidade Federal do Cariri. Atualmente é professor Adjunto I do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - CERES - Campus - Caicó e professor colaborador do Mestrado em História dos Sertões do mesmo Departamento. É líder do grupo de pesquisa Sociedade e Cultura em Sertões Coloniais: história e historiografia, onde atua com a linha de Pesquisa Índio dos sertões: território, territorialidades e fronteiras.

Currículo Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/5483282992312123>

Artigo recebido em: 18 de agosto de 2021.

Artigo aprovado em: 08 de outubro de 2021.